

**EPISTEMOLOGIA AFRODESCENTEMENTE PENSADA:  
a Lei 10.639/03 e o ensino literário**

*A redescoberta do verdadeiro passado dos povos africanos não deverá ser um fator de divisão, mas contribuir para uni-los, todos e cada um, estreitando seus laços de norte a sul do continente, permitindo-lhes realizar, juntos, uma nova missão histórica para o bem da humanidade. DIOP*

Dejair Dionísio  
Leoné Astride Barzotto

**Resumo:** O objetivo deste artigo, é articular o pensamento afrodescentemente construído com as contribuições de pensadores africanos, para compreender como o uso de materiais orais, no caso aqui uma canção do *rap*, possam contribuir de maneira significativa para que o/a discente, compreenda-se na educação praticada, quando essa está voltada para as escolas de Ensino Fundamental e Médio, nas periferias brasileiras. O objetivo, assim, em diálogo com a Lei 10.639/03, que tornou obrigatória a discussão das temáticas afro-brasileiras e africanas em todo o currículo brasileiro. Apesar das incertezas quanto a aplicação efetiva da lei, é de suma importância destacar a produção oral que permeia a sociedade, principalmente abordando temas que contemplem essa discussão.

Palavras-chave: Lei 10.639/03; literatura; *rap*.

**Abstract:** The purpose of this article is to articulate the afrodescently constructed thinking with the contributions of African thinkers to understand how the use of oral materials, in the case here a song of rap, can contribute significantly to the student, in the practiced education, when this one is directed to the schools of Elementary and Average Education, in the Brazilian peripheries. The objective, thus, in dialogue with Law 10.639 / 03, which made it mandatory to discuss Afro-Brazilian and African themes throughout the Brazilian curriculum. Despite the uncertainties regarding the effective application of the law, it is extremely important to highlight the oral production that permeates society, especially addressing issues that contemplate this discussion.

**Keywords:** Law 10.639 / 03; literature; rap music.

## A título de Problematização e Aproximações

No amplo debate que se formou em torno do assunto que se refere ao ensino, a partir da Lei 10.639/03, vários programas de formação de professores, compilação de materiais, proposição de outras discussões, bem como o levantar de necessidades pedagógicas, de mudança de paradigmas e do próprio olhar para o tema, aproximaram a discussão do que Joseph Ki Zerbo nascido em Ouagadougou, capital do Alto Volta (atual Burkina Faso) historiador titulado pelo *Institut d'Études Politiques* da Universidade Sorbone na França, já apregoava.

Joseph Ki Zerbo dedicou-se a pesquisa histórica e valorização de fontes documentais africanas como a arte, arqueologia e, principalmente, a oralidade, que na compreensão de Ki- Zerbo era uma das fontes documentais mais preciosas do conhecimento africano, que teve ao longo da sua trajetória o enfrentamento dos discursos racistas sobre a história da África bastante parecido com os olhares de desconfiança que se apresentaram no cenário acadêmico e escolar brasileiro sempre buscou trabalhar com outros historiadores na construção de uma literatura científica dotada de conhecimentos, métodos, conceitos e instrumentos próprios.

Esse autor aqui citado, infelizmente tem pouca divulgação no Brasil das suas inquietações, mesmo tendo sido tributado a ele a confecção do importante material que gerou insumos necessários para a compreensão e intensificação para a integração de fontes linguísticas, arqueológica, orais e antropológicas, para uma concepção de história favorável a edificação do autoconhecimento, da confiança e da dignidade africanas e afrodescendentes, pois a circularidade e a aproximação de variados temas e fontes, além da busca de um mercado lógico, sempre estiveram presentes no pensamento africano. É dele a fala que diz que:

à frente da caravana da humanidade ia a Europa, pioneira da civilização, e atrás os povos primitivos” da Oceania, Amazônia e África. Como se pode ser índio, negro, papua, árabe? O ‘outro’, atrasado, bárbaro, selvagem em diversos graus, é sempre diferente, e por essa razão torna-se objeto de interesse do pesquisador ou de cobiça do traficante. A etnologia recebeu,

assim, procuração geral para ser o ministério da curiosidade europeia diante dos 'nossos nativos'. Apreciadora dos estados miseráveis, da nudez e do folclore, a visão etnológica era muitas vezes sádica, lúbrica e, na melhor das hipóteses, um pouco paternalista. (ZERBO, 1972, p. 35)

Tendo como objetivo central de *História da África Negra*, elaborar uma nova concepção da História da África, Joseph Ki Zerbo propôs uma concepção dessa história desprovida das ideologias racistas presentes na historiografia da sua época, em meados dos anos de 1950/1980, que afirmavam não haver uma história africana. Na trilha do seu pensamento, as ideologias coloniais baseadas em autores como Hegel, Coupland, P. Gaxotte, Charles André Julien, deveriam ser imediatamente descartadas, para a construção de métodos e linguagens historiográficas autônomas, o que aparece de forma intensa e brilhante, na dissertação de mestrado de Fábio Florenço Gomes, ao tratar das questões de ensino de História e o seu vinculamento ao pensamento de epistemologias negras. O mesmo sugere que, concordando com Joseph Ki Zerbo, que o método ocupa lugar central para construção de uma história africana descolonizada. Mas para isso, seria necessário o enfrentamento das ideologias racistas, através do cruzamento de fontes e o trabalho interdisciplinar, pois:

Não negamos longe disso o valor das provas escritas. Mas por necessidade e por convicção, rejeitamos a concepção estreita e ultrapassada da história só pelas provas escritas, teoria segundo a qual, certas zonas da África mal acabariam agora a sair da pré-história [...] somos por uma história de múltiplas fontes e polivalente, que tome em conta absolutamente todos os vestígios humanos deixados pelos nossos antepassados. (1972, p. 46)

Aqueles que influenciavam a desqualificação da oralidade enquanto documento histórico percebiam que havia uma categoria dos funcionalistas, que viam a história como fonte mitológica e que desconfiam de sistemas de contagem do tempo fora da estética e lógica do calendário greco-romano, já que

o continente africano quase nunca era considerado como uma entidade histórica. Em contrário, enfatizava-se tudo o que pudesse reforçar a ideia de uma cisão que teria existido, desde sempre, entre uma 'África branca' e uma 'África negra' que se ignoravam reciprocamente. Traçavam-se fronteiras intransponíveis entre as civilizações do antigo Egito e da Núbia e aquelas dos povos subsaarianos. [...] nos dias atuais, é amplamente reconhecido que as civilizações do continente africano e a sua variedade linguística e cultural, formam em graus variados as vertentes históricas de um conjunto de povos e sociedades, unidos por laços seculares. (M'BOW, 2010, p. XIII)

Nesse movimento de vaidades e de tentativas de apagamento do fazer laboral do pesquisador, fica patente a busca para a criação de dificuldades referentes aos métodos no campo da oralidade, pois sempre houve e de certa forma ainda há, certa má vontade em pensar as possibilidades que esse campo apresenta. Como forma de combate e de busca de estreitamento com o devir que esse campo/conceito invoca, se faz mister, que o olhar para a literatura - inclusive, seja direto e não oblíquo, como aquele já tratado por Machado de Assis na sua personagem Capitu. E é nessa estesia de pensamento que o olhar de Kizerbo, apresentado por outro historiador, Fábio Florenço Gomes, se aproxima com o fazer da literatura, no que concerne ao campo do ensino.

Pautados pela mesma necessidade circular emanada da Lei 10.639/03, o diálogo com pensadores que aproximam pesquisas, modos de ver e fazer o ensino, pautados na centralidade da oralidade, pede outro foco de abordagem. A partir desse contexto, percebe-se a forma como os escritores posicionam-se diante da representação do homem e mulher negros, já que na via oral, muito do fazer desse povo se perdeu. Posição esta que mudou e muda com o passar do tempo, uma vez que novos contextos desencadearam formas outras para se analisar tais personagens.

Sendo assim, poder-se-ia observar o contemporâneo a partir da Segunda Guerra Mundial, da Revolução Chinesa, da Queda do Muro de Berlim, do fim do *Apartheid* na África do Sul ou pela contagem de épocas, como no escape de estudantes em 1960-70 ou o fim das ditaduras nas

Américas nos idos anos 1980? Então, o que é atual se torna um problema para o contemporâneo, pois, passados quase 40 anos, poderia não ser atual.

Pensar esse contemporâneo conduz, diretamente, aos rap's dos Racionais MC's, como lugar em que se busca demonstrar como as narrativas dos personagens, quando negros, sobressaem como uma categoria específica a ser visitada. Em outras palavras, de antemão, pode-se dizer que se observa em tais narrativas a construção de um discurso antinegro, por assim dizer, ou seja, escritos em que o homem negro não é visto como tal, numa sociedade que, como bem pontuou Mário de Andrade em seu poema 'Garoa de meu São Paulo', todos são brancos. Trazem a marca da diferença como distintivo, procurando também fazer emergir discursos que se colocam do lado contrário do instituído, demonstrando como o personagem – o afro-brasileiro – mesmo aviltado em sua humanidade, consegue sobrepujar as adversidades históricas e construir formas de permanência, sobretudo quanto à identidade cultural. E no que se refere a essa cultura, o homem vem a ser presença imprescindível para se entender a constituição deste segmento social e seus mecanismos desenvolvidos para continuar trilhando nessas tortuosas e generalizantes noites ocidentais.

Convém ressaltar que se observa que pesquisas recentes têm contemplado a questão familiar (SILVA, 2014), o insólito e questões periféricas (SILVA, 2011), esboços de análises em Cadernos Negros (ANTONIO, 2005), a mulher negra nos Cadernos Negros (FIGUEIREDO, 2009), o corpo e o erotismo (CASTRO, 2007), sendo que a questão do homem negro ainda não foi contemplada ou discutida nessa publicação ou na análise de outras, em termos da Literatura Brasileira ou dos enfoques na especificidade da própria Literatura Afro-brasileira.

Em estudo sobre 'A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004', Regina Dalcastagnè (2005) alerta para a ausência de estudos que se debrucem sobre duas identidades, a do homem negro e a do pobre. Para Dalcastagnè (2005, p. 15), "de um modo geral, esse tipo de ausência costuma ser creditada à invisibilidade desses mesmos grupos na sociedade brasileira como um todo." Interessa ao estudo aqui proposto a constituição do personagem.

Neste sentido, o propósito é o de trabalhar na contracorrente do instituído, como tentativa generalizante. A proposta deste capítulo/artigo pretenderá avançar em seus propósitos procurando legitimar, formalizando, por meio de artigos e de participação em eventos, uma produção que, por sua proliferação, sua qualidade e especificidade dos textos já tarda em se tornar reconhecida. Com isso, procura-se tornar presente uma produção literária tradutora de outra versão do universo masculino afrodescendente. Longe das estereotípias a que sua imagem foi submetida ao longo do tempo, os textos em questão revelam outro rosto deste personagem. Não mais a imagem tão servil ou do homem bom e pronto para a cama, mas preferindo trilhar caminhos contrários aos da submissão, sobretudo mental, buscando na produção dos escritores afro-brasileiros uma preocupação em recuperar o que foi ocultado pela vigência discursiva.

É ainda dentro desta mesma linha que se estabelecem diferenças conceituais, distinguindo, a partir de então, diferenças culturais, ao apontar formas de traduzir e estar no mundo. Se pela cultura ocidental a terra é tratada como algo a ser explorada – a terra como propriedade -, na visão da filosofia e religião africanas ela é mãe doadora, algo a ser amado e cultivado. Dentro desta dicotomia, a terra explorável surge como denúncia de um sistema perverso que se sustenta, tendo por base a exploração do homem pelo homem; a terra cultivável, ao contrário, apresenta-se como proposta para um entendimento maior entre os homens, numa relação mais humanizada.

Sendo ainda a literatura um reflexo da sociedade, lugar em que questões circundantes são discutidas, torna-se frutífero suscitar debates que levem este segmento social, em particular, a uma conscientização criteriosa de sua condição numa sociedade de vícios ainda segregadores. Somente assim se reconhece a contribuição para a formação de um pensamento independente que se emancipa na medida mesma que permita, a futuros pesquisadores comprometidos com estes estudos, perceberem valores que os expliquem e identifiquem. É com este objetivo que se elucida a produção que verse sobre a representação de homens afro-brasileiros. Portadores de linguagens e simbologias próprias, produtores de discursos tradutores de um ethos que os singularize, trazem, em suas inscrições, elementos a apontarem outra ordem

de sentido. Nos textos, 'outras' palavras lançando luz para 'outros' (até agora ocultos) lugares de saber e fazer literários.

### Proposta de Intervenção

A partir do levantamento teórico e do embasamento necessários para a compreensão da importância da oralidade, a busca de propor a intervenção, necessariamente precisa alcançar a sala de aula. Assim, propomos a seguinte atividade, que pode ser pensada e aplicada para discentes, contemplando a participação efetiva nesse pensamento circular e oral:

Atividade de midiática

- 1) Para saber mais a respeito do movimento Hip-Hop consulte os sítios aqui discriminados:

<http://www.enraizados.com.br/Conteudo/4Elementos.asp>

<http://www.overmundo.com.br/overblog/historia-da-cultura-hip-hop>

<http://www.youtube.com/watch?v=coQkFPLDnOM>

[www.centralunicadasfavelas.com.br](http://www.centralunicadasfavelas.com.br)

[www.rapnacional.com.br](http://www.rapnacional.com.br)

- 2) Podemos sugerir que seja feita uma síntese dos dados que o(a) discente julgou mais relevantes e depois comentar de forma circular com os colegas da sua turma.
- 3) Para continuar a exercitar a reflexão oral, sugerimos que o docente, juntamente com os (as) alunos (as), consultem a letra de rap intitulada "Castelo de Madeira", após se inteirar das atividades anteriores.

***(A Família)<sup>1</sup>***

Milhões de brasileiros não têm teto não têm chão  
 Eu sou apenas mais um na multidão  
 Não vai pra grupo com minha calça, minha peita, minha lupa  
 Se canto rap aí, não se iluda.  
 Alá! tô vendo a cena vai chover e o rio vai transbordar  
 E meu castelo de madeira vai alagar.

---

<sup>1</sup> Fonte: Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/racionais-mcs/1023513/>>. Acesso em: 16 jun. 2017.

Isento de imposto eu mesmo abraço com meus prejuízos  
 Natural sofrer se os cordões são indecisos.  
 Mil avisos, periferia desestruturada  
 Mil muleque louco, no crime mostra a cara.  
 Centenas de vezes vi a cena se multiplicar  
 Quando cheguei até aqui não tinha ninguém agora tem uma  
 pá.  
 Muleque doido eu enfrentei o mundão de frente  
 Ausente em várias “fita” bandido filho de crente  
 No pente, desilusão, dinheiro, mulher  
 Mais pra frente se deus quiser mais resistente à fé  
 Rumo ao centro calos nas mãos multidões  
 Toda essa rebeldia reforça os refrões  
 Talvez você não saiba do herói que vive a guerra  
 Com uma marmita fria sem mistura eu sou favela  
 Vivi pensando a vida inteira em fazer um regaço  
 Mas agora que conquistei meu sonho, aquele abraço.  
 Mas não importa se chão de terra tem poeira  
 Realizei meu sonho, meu castelo de madeira.

### **Refrão**

Sou príncipe do gueto só quem é desce, sobe a ladeira  
 Sou príncipe do gueto e meu castelo é de madeira.  
 Sou príncipe do gueto só quem é desce, sobe a ladeira  
 Sou príncipe do gueto e meu castelo é de madeira.  
 Hoje já choveu já ventou to de cara  
 Em saber que meu castelo suporta tudo menos fogo e bala.  
 Suporta dor, minhas crenças, minhas loucuras  
 Suporta ate minhas “cabreiragem” com a viela escura.  
 E o sobe e desce de uns “nóia” na fissura  
 Chave de cadeia se trombar com a viatura  
 Vida dura, brotou o espinho não a rosa  
 Quebrada querida vida bandida verso e prosa.

Meu orgulho, um rádio velho toca fitas  
 Rap nacional tocando é o que liga.  
 Às sete da noite a luz elétrica cai  
 Se a comunitária sai do ar... aí vai.  
 Coloco aquela fita de “drão bambambam”.  
 Um cérebro sobre rodas finado “coban”.  
 As crianças me vêem como um adulto equilibrado  
 Não sabem das minhas “fitas” nem dos meus pecados.  
 E os aplausos deixem pra depois  
 Quebrada querida mãe, é só nos dois  
 Vou lutar pra ser vencedor nessa porra  
 “desbaratinar” vidinha podre sodoma e gomorra  
 Deus criou o mundo, e o homem criou o dinheiro  
 Crack e cocaína, bebida e puteiro  
 Mas não importa se chão de terra tem poeira  
 Aqui! é meu castelo de madeira.

### **Refrão**

Sou príncipe do gueto só quem é desce, sobe a ladeira



Sou príncipe do gueto e meu castelo é de madeira.  
 Sou príncipe do gueto só quem é desce, sobe a ladeira  
 Sou príncipe do gueto e meu castelo é de madeira.  
 Do lado de cá, do lado de lá  
 “treta” todo dia sem parar  
 Do lado de lá, do lado de cá  
 É sempre a mesma coisa “mano”, o que quê eu vou falar  
 Você sabe o que o sistema faz, ignora!  
 E trás problema psicológico, tensão é “foda”.  
 Descaso, humilhação transtorno permanente  
 Eu vi até uma família de crente espancar um parente.  
 Que amanheceu no outro dia em coma  
 Alcoolizado, drogado, traumatizado foi pra lona  
 Dez horas depois, perícia, policia, ambulância  
 E o parente que bateu chorou, igual criança  
 Esse é o sintoma da doença que me afeta  
 Ganhei de cortesia mau humor e as frestas  
 Não a festa, porque sorrir é difícil entenda  
 Sou verdadeiro e não lenda  
 Hoje já choveu oh, “mô” neurose  
 Nem costume beber, até tomei uma dose.  
 Talvez pra clarear ou esconder os problemas  
 Mil “fitinha” acontecendo esse é meu dilema.  
 Coisa de louco, abrir a janela e ver no esgoto  
 Cachorro morto, sentir o mau cheiro e o desconforto  
 E junto com a lama, o drama, a sujeira  
 “brasilit” no calor é um inferno, mô canseira  
 Sonhar, sonhar, querer não é poder  
 Tem que ser “mano”, fazer jus ao proceder.  
 Pros “cu” que tem dinheiro e luxo é constrangedor  
 Me ver “empreguinado” aqui com ódio e rancor.  
 Sonhei com tudo isso a vida inteira  
 Realizei meu sonho, meu castelo de madeira.  
 E é treta todo dia, todo dia, o dia inteiro  
 Só falta construir um banheiro

### **Refrão**

Sou príncipe do gueto só quem é desce, sobe a ladeira  
 Sou príncipe do gueto e meu castelo é de madeira.  
 Sou príncipe do gueto só quem é desce, sobe a ladeira  
 Sou príncipe do gueto e meu castelo é de madeira

Proposta de atividade: oral e escrita

- 1) No sítio: [www.youtube.com/watch?v=ZsUNEsjhZt0](http://www.youtube.com/watch?v=ZsUNEsjhZt0), encontra-se a apresentação *A família* “Castelo de Madeira”. Aprecie e registre, em seu caderno, suas impressões.
- 2) Por que o eu-lírico diz ser “príncipe do gueto”? A quem ele se compara? Qual condição econômica das pessoas das pessoas comparadas a eles? Por que não há banheiro no castelo de madeira do eu-lírico?

- 3) Nas performance das canções apresentadas a expressão facial é sisuda, há um estilo de roupa característico e gesticulação. Qual a intenção para isso?
- 4) Quais suas considerações sobre as duas canções? O que elas objetivam? Amplie suas ideias produzindo um texto dissertativo, na sequência socialize-as com demais da sala de aula.
- 5) Você conhece outros estilos de canções que tratam de questões semelhantes? Traga-os e discuta com os colegas da classe.

Para fechamento da proposta, sugerimos que os (a) alunos (as) pesquisem na comunidade um grupo de rap ou traga um cd ou uma música de um grupo desses artistas, residentes na localidade. A metodologia desta proposta é a problematização do racismo antinegro, usando o modelo de pesquisa afrodescendente participante, defendida por Henrique Cunha Junior que, acerca do modelo, enfatiza:

a ênfase é a da produção de conhecimento que permita a intervenção nas situações de caráter estrutural, que moldam a vida da população afrodescendente. Visa uma autonomia do pensamento dos afrodescendentes, com relação à produção eurocêntrica ocidental. Trata-se do processo da produção de conceitos e de metodologias dentro de um projeto científico de expressão das afrodescendências com a finalidade de mudança das relações sociais brasileiras. Inscreve-se no âmbito dos movimentos sociais de maioria afrodescendente. Entretanto, guarda a particularidade da procura de inspiração no conhecimento de base africana. (CUNHA JUNIOR: 2006, p. 1)

Texto publicado em 2006 a partir da disciplina que trata da “Etnia gênero e educação na perspectiva dos Afrodescendentes” ministrada na Universidade Federal do Ceará, as colocações do autor demonstram uma preocupação do enfoque daquele que está dentro do contexto a ser discutido – no caso aqui presente, já que o interesse acadêmico pelos temas específicos das populações afrodescendentes além de ser diminuto, sempre enfrenta diversos obstáculos, muitos ligados às questões da cultura nacional, das relações étnicas no país e da identidade brasileira (CUNHA JUNIOR, 2006).

Assim, um momento oportuno em que as questões da afrodescendência sugerem que os professores/as e educadores/as não trabalhem com respeito à “cultura do outro”; antes, porém, exige que trabalhem dentro da sua própria cultura e com dificuldades que afetam a sua própria existência, releva-se a discussão que Narcimaria Luz (LUZ, 2004) introduz para a pesquisa em terreiro e que se generaliza aqui: os de dentro da porteira e os de fora da porteira. A expressão, empregada dentro da área agrônômica, diz respeito ao fato de que há muitos elementos que estão fora do texto, mas que, nas entrelinhas podem ser percebidos. Estes seriam, pois os fora da porteira.

## Conclusões

Assim, a partir da necessidade de ser divulgada a história dos negros e de África, protagonizada pela Lei 10.639/03 que alterou a Lei de Diretrizes e Bases, o material poderá ser utilizado em sala de aula para as séries do Ensino Fundamental (finais) e do Ensino Médio, uma vez que eles abordarão a valorização dessa população, pelo viés oral oportunizando, também, a apresentação da discussão étnica.

Logo, o que se percebe é a ausência de materiais para esse público, que ainda encontra dificuldades em observar a subjetividade que se invoca na Lei, apresentada como proposta com o grupo Racionais MC's. Assim, professores e alunos poderão ser beneficiados com o material, usufruindo dos resultados da proposta em tela.

## Referências

DALCASTAGNÈ, Regina. **A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004**. In: *Estudos da Literatura Brasileira Contemporânea*. ISSN 2316-4018 on-line. N. 26. 2005. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/2123>>. Acesso 21 jul. 2016.

DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. Trad. Maria Beatriz M. da Silva. São Paulo: Perspectiva, 1971.

DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). *Poéticas da diversidade*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

\_\_\_\_\_. **Literatura, política, identidade: ensaios**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

FIGUEIREDO, Fernanda Rodrigues de. **A mulher negra nos Cadernos Negros: autoria e representações**. Dissertação de Mestrado: UFMG, 2009.

HALL, Stuart. **Identidade e diferença**. Trad. Tomaz T. da Silva. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

IANNI, Octávio. **Raças e classes sociais no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. São Paulo: Ática, 1986.

NASCIMENTO, Gizêlda Melo do. Grandes Mães Reais Senhora. In: **Signum: estudos literários**. Londrina: EdUEL, 1998.

\_\_\_\_\_. **Feitio de viver**: memórias de descendentes de escravos. Londrina: EdUEL, 2006.

\_\_\_\_\_. Poéticas afro-femininas. In: **Nem fruta nem flor**. Londrina: Ed. Humanidades, 2006.

\_\_\_\_\_. O negro como objeto e sujeito de uma escritura. In: **Caderno UNIAFRO 1. Cultura afro-brasileira, expressões religiosas e questões escolares**. Londrina: EDUEL, 2006.

PARANÁ. **Diretrizes curriculares da educação básica língua portuguesa**. Curitiba: SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO BÁSICA, 2008.

\_\_\_\_\_. **Cadernos Temáticos**: história e cultura afro-brasileira e africana. Curitiba: SEED, 2005.

### Sites consultados

ADOLESCENTES como autores de si próprios: cotidiano, educação e o hip hop. Scielo, 2016. Disponível: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32622002000200005&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32622002000200005&script=sci_arttext)>. Acesso em: 09 maio 2017.

ANTÍTODO. Entrevista com Ferréz. Youtube, 2009. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=ItdDuHAbRkK>>. Acesso em: 13 jun. 2017.

CAROLINA Maria de Jesus, Diário de Bitita. Rede Integração, 2008. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=yg0XT6-rnQs>>. Acesso em: 14 maio 2017.

CAROLINA Maria de Jesus, Heróis de Todo Mundo. TVE, 2008. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=sPI9bdgMUnA>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

FALCÃO Meninos do Tráfico (completo – Parte 1). Youtube, 2008. Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?v=0VF\\_IVZ-gJ8](http://www.youtube.com/watch?v=0VF_IVZ-gJ8)>. Acesso em: 13 jun. 2017.

FALCÃO Meninos do Tráfico. MV Bill. Youtube, 2008. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=yl4urSYqkog>>. Acesso em: 13 maio 2017.

HISTÓRIA da Cultura Hip Hop. Overmundo, 2008. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/overblog/historia-da-cultura-hip-hop>>. Acesso em: 11 maio 2017.

JOGO DE IDEIAS. Entrevista com Ferréz. Youtube, 2009. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=0VF\\_IVZ-gJ8](https://www.youtube.com/watch?v=0VF_IVZ-gJ8)>. Acesso em: 13 jun. 2017.

MV BILL soldado do morro. Estilo Vagabundo 4. Youtube, 2007. Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?v=lp4Oq5Go\\_5k](http://www.youtube.com/watch?v=lp4Oq5Go_5k)>. Acesso em: 13 maio 2017.

OS QUATRO elementos do Hip Hop. Enraizados, 2014. Disponível em: <<http://www.enraizados.com.br/Conteudo/4Elementos.asp>>. Acesso em: 10 maio 2017.

Notas sobre o autor e a autora:

Dejair Dionísio atualmente é professor visitante no PPGLetras da UFGD. Com graduação, mestrado e doutorado pela Universidade Estadual de Londrina e pós-doutorado pela Universidade Federal de Minas Gerais. Participa de diversas iniciativas socioculturais e científicas, no Brasil e no exterior, voltadas para as Literaturas Africanas, Afro-americanas e Afro-brasileiras, assim como para as relações etnicorraciais em contextos da Educação, sendo também vice-líder do grupo de pesquisas GEPEARTESUL.

Leoné Astrid Barzotto é professora permanente do PPGLetras da UFGD. Possui graduação em Letras Português/Inglês pela UEM; mestrado e doutorado-sanduíche em Letras pela UEL/Indiana University at Bloomington, nos EUA. Atua nos seguintes temas: literaturas de expressão inglesa; língua inglesa; literatura inglesa pós-colonial; pós-colonialismo; língua, interface entre língua, cultura e literatura, identidade cultural, processos migratórios, transnacionalismo e mobilidades culturais; América Latina e Caribe.